

ARAÚJO, Wladimir S. e LABATE, Beatriz C. (orgs.), *O uso ritual da ayahuasca*, 2ª ed., Campinas: Mercado das Letras/FAPESP, 2004, 736p.

Alberto Groisman¹

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Santa Catarina

O uso ritual da ayahuasca é uma coletânea que recorta um campo de estudos em expansão e consolidação. Com uma seção introdutória e vinte e seis artigos, elaborados por quarenta e três autores e co-autores, o livro representa um esforço extraordinário de registro e reflexão sobre o uso da *ayahuasca*. *Ayahuasca* é uma expressão genérica, consagrada na literatura, para referência a uma bebida utilizada tradicionalmente na América do Sul, e que resulta do cozimento de plantas psicoativas encontradas na Amazônia. A partir da década de oitenta, o uso da substância foi também disseminado para países da América do Norte, Europa e Ásia. Especificamente, a palavra *ayahuasca* é uma referência *quêchua*² à planta *Banisteriopsis caapi* – um cipó da família das Malpigiáceas –, utilizada no preparo da bebida, e que é considerada emicamente uma *planta de poder*.

Com efeito, o uso de plantas e substâncias que modificam, ou expandem, as possibilidades de percepção e experiência do seu humano tem suscitado uma vasta literatura, que inclui obras já clássicas de autores como William James, Lewis Carroll, Aldous Huxley, Carlos Castañeda, William S. Burroughs e tantos outros. Estes autores, em certa medida, criaram alguns parâmetros para expressar e compartilhar suas experiências e intuições. Em boa parte destas obras, hábitos, normas e procedimentos de populações usuárias são abordados e sugerem que usar substâncias psicoativas implica a *quase-necessidade* de ritualização. Esta ritualização, por um lado, sistematiza o conhecimento e a abordagem da experiência com o uso destas substâncias, por outro em muitos casos é o que permite que este uso produza as relações e os desdobramentos desejados

por quem as utiliza.

O rito torna-se, neste sentido, mais do que uma busca de ordenação simbólica de idéias e valores: de forma mais intensa, ele torna-se uma experiência de comunicação profunda. Nessa experiência, como afirmou Mary Douglas – que está de certa forma pouco presente no livro –, conhecimento, memória e convivialidade se expressam apropriadamente, e estimulam a ação na vida e nas relações sociais. Ainda neste particular, e aqui retomando pensadores como Émile Durkheim, consciência, sofrimento, transformação, fracasso, transcendência, frustração, saber e ignorância – temas-categorias que surgem nas abordagens presentes no livro – são *energia* do social, motivo, processo e resultado, e marcam de forma dramática e lúdica, no sentido que Victor W. Turner observou, o que se experimenta, o que se percebe, o que se pensa, o que se diz, e, da mesma forma, o que se escreve sobre o assunto, demarcando analiticamente algumas das qualidades do *continuum* cognitivo, emocional e sensorial entre profano e sagrado.

Destacar o aspecto ritual do uso de uma bebida psicoativa é importante e oportuno. Neste sentido, o projeto do livro de Beatriz Labate e Wladimir Araújo representa, por um lado, a realização de uma expectativa de sistematização por que passam determinados temas que se consagram como centrais do que se chamaria hoje em dia de *rede* – ou comunidade, ou agrupamento – de pesquisadores. Por outro lado, concretiza e reúne enfoques que configuram um campo de estudos circunscrito, mas poroso, com características abrangentes, e fronteiras ricas de motivações para o diálogo entre diferentes perspectivas teóricas, analíticas e etnográficas. Assim, um aspecto a destacar preliminarmente é reconhecer a importância da formação – que o livro representa – de uma espécie de rede de pesquisadores, mesmo que arbitrária, os quais recortam as diversas dimensões e peculiaridades do tema geral, e que fazem de sua contribuição um jogo absorvente de prova e contra-prova, palavra e contestação, esforço de recorte e expansão do conhecimento sobre o uso das plantas de poder, e da *ayahuasca* em particular.

O livro se desdobra em quatro partes, e reúne trabalhos que abordam o assunto do uso da *ayahuasca* sob diversos enfoques. Sendo assim, o recorte do título, ou seja, a sugestão que o livro trata do “uso ritual”, não restringe o seu conteúdo, mas comunica a intenção dos organizadores de enfatizar a legitimidade deste aspecto do uso desta bebida psicoativa. Além disso, o título registra o contexto

de sua inspiração principal, o I Congresso sobre o Uso Ritual da Ayahuasca (I CURA), ocorrido na cidade de Campinas, em setembro de 1997.

A seção introdutória do livro estimula um debate que perpassa a produção do conhecimento sobre o assunto, ou seja, a sua inserção no campo de estudos do uso ritual de psicoativos, e uma contextualização como abordagem analítica de fenômenos considerados como tendo origem na região da Amazônia.

A inspiração da parte I sugere, de forma também contextualizadora, a idéia de que há uma origem, uma gênese ou um receptáculo, um contexto gerador de percepções e experiências que estaria localizado geográfica e simbolicamente num campo que ficou conhecido como sendo dos “povos da floresta”, que pode vir a incluir um mundo de possibilidades populacionais, mas que parece configurado pelo recorte de populações indígenas. Nesta seção, estão incluídos trabalhos de Pedro Luz, que faz uma revisão da produção sobre o uso da *caapi*, forma que também se refere por analogia à *ayahuasca*, entre populações ameríndias (Pano, Aruák, Tukano), de E. Jean Langdon, que trata das tradições de narrativa e de aprendizagem com o uso do *yagé* – também forma análoga de denominar a bebida – entre os Siona da Colômbia, e de Barbara Keifenheim, que analisa a cosmologia associada ao *nixi pae*, ou como os Kaxinawá chamam a bebida que produzem com a *B. Caapi*. Com uma abordagem sobre o uso “indígena” e o uso “não indígena”, Germán Zuluaga contribui com o próximo artigo, em que discute, entre outras questões, o tema da apropriação dos saberes associados ao uso da bebida; Jacques Mabit aborda a experiência das visões relacionadas com procedimentos terapêuticos com a *ayahuasca*; Luis Eduardo Luna faz uma análise das analogias entre os conteúdos da experiência visionária; por último, nesta parte, Mariana Ciavatta Pantoja Franco e Osmildo Silva da Conceição inserem no recorte deste campo o tema do uso da *ayahuasca* entre trabalhadores seringueiros da região amazônica.

A Parte II está mais focalizada num tema específico. Chama-se “As Religiões Ayahuasqueiras Brasileiras”, expressão que se tem popularizado para se fazer referência aos grupos religiosos que utilizam a bebida, e que são considerados como tendo sido originados no Brasil. Esta segunda parte é dividida em quatro seções. A primeira, “Santo Daime: Origens Históricas”, traz as participações de Beatriz Caiuby Labate (que faz uma revisão ampla e cuidadosa

da literatura produzida sobre o assunto), Sandra Lúcia Goulart (que aborda o contexto histórico-simbólico do surgimento do que chama “culto do Santo Daime”) e B. Labate e Gustavo Pacheco, com um artigo que não havia sido incluído na primeira edição do livro, e que trata do que os autores chamam de “matrizes maranhenses” do Santo Daime. Neste sentido, o trabalho traz elementos para uma revisão dos significados que têm sido atribuídos a diversos conteúdos contidos no contexto ritual daimista, introduzidos por Raimundo Irineu Serra e Daniel Pereira de Mattos, referidos como fundadores do Santo Daime e d’A Barquinha, respectivamente.

A segunda seção, denominada “Santo Daime: Alto Santo”, traz Arneide Bandeira Cemin, que trabalha com os “sistemas de montagens simbólicas” nos rituais do Santo Daime, e Fernando la Rocque Couto, que analisa o Santo Daime como um “rito de ordem”. Uma terceira seção, chamada “Santo Daime: CELFURIS”, conta com Clodomir Monteiro da Silva – que articula duas categorias-tradições presentes no uso ritual da ayahuasca: *miração* e *incorporação* – e Walter Dias Jr., que faz o que se poderia chamar de uma “auto-etnografia” do que denomina “diário de viagem...”, ou uma narrativa densa de seus primeiros contatos com a bebida.

No trabalho seguinte, Maria Cristina Peláez faz uma análise das “possibilidades terapêuticas” do que chama de forma instigante “bebida ritual”. Edward MacRae discute as questões de convivência e tolerância entre as diferentes “linhas ayahuasqueiras”, e Carsten Balzer registra, e reflete sobre, a presença do Santo Daime na Alemanha. Há também o trabalho pioneiro sobre um dos centros conhecidos como A Barquinha, de Wladimir Sena Araújo, que em sua reflexão desenvolve o conceito de *cosmologia em construção*. Sobre a União do Vegetal, também um grupo *ayahuasqueiro*, contamos com os artigos de Lucia Regina Brocanelo Gentil e Henrique Salles Gentil, que fazem um retrospecto descritivo do surgimento e do funcionamento da UdV; de Sergio Brissac, que descreve e aprofunda a trajetória daquele que é conhecido como o fundador da UdV, José Gabriel da Costa; e o trabalho de Afrânio Patrocínio de Andrade, que discute de um ponto de vista teológico e filosófico o que chama de “contribuições e limites da União do Vegetal” para o campo de idéias e práticas do que ficou conhecido, principalmente nos anos 90 do século XX, como “nova consciência religiosa”.

A última parte do livro, que inclui o que parece não ter podido ficar de fora em razão das motivações panorâmicas a que se

propõem os autores, ficou reservada para os “estudos farmacológicos, médicos e psicológicos”. Estes estudos, em certa medida, retiram a *ayahuasca* de seu contexto *tradicional* de uso e a trazem para os laboratórios e bancos de dados. De certa forma, estas abordagens vêm reforçar e subsidiar, do ponto de vista empírico e analítico, as posições favoráveis à legitimidade do uso da *ayahuasca* nos debates e polêmicas nos campos e arenas mais estritamente legais e políticos. Neste sentido, o artigo de Glacus de Souza Brito procura descrever os efeitos farmacológicos da *hoasca*, outra denominação particular atribuída à *ayahuasca*. Os trabalhos de Charles S. Grob *et alii* e Jace Callaway *et alii* aprofundam estudos psicológicos e clínicos sobre o uso da bebida com base em dados de uma pesquisa realizada entre participantes da União do Vegetal. Por sua vez, Benny Shanon argumenta sobre a importância e a relevância da utilização da psicologia cognitiva na análise do fenômeno do uso da *ayahuasca*, e Jonathan Ott registra e descreve a farmacologia humana da *N,N-dimetiltriptamina* (DMT), um dos princípios psicoativos contidos em bebidas fabricadas com outras plantas combinadas com a *B.Caapi*.

O campo de estudos que *O uso ritual da ayahuasca* demarca, no qual uma bebida psicoativa está no centro das atenções, inclui duas dimensões importantes, preocupações dos pesquisadores que formam esta rede não necessariamente consensual: (1) o reconhecimento da relevância dos saberes que são produzidos pelas diversas populações usuárias da *ayahuasca* – palavra-categoria que procura reunir e sintetizar um imenso campo de concepções e práticas – e que se articulam em diversas situações de reciprocidade ou disputa; e, conseqüentemente, (2) a formulação de uma agenda política que leve em conta que diferenciações correm o risco de desigualdade, mas que a diferença pode recortar as possibilidades de troca, de respeito pelas idiosincrasias e particularidades, e pode assim tornar a convivência um campo de novidade, de fascinação, de descoberta mútua. Neste sentido, posso assegurar que se encontra em *O uso ritual da ayahuasca* uma visão que luta contra o preconceito e a ignorância. Essa visão demonstra a legitimidade da investigação controlada pela linguagem acadêmica para o avanço da compreensão de formas sociais e simbólicas elaboradas e postas em prática para o uso ritualmente controlado de psicoativos.

Ainda no campo da sua contribuição, o livro reflete sobre as opções metodológicas que este agrupamento de pesquisadores tem

em seu estoque. Neste sentido, o estudo da elaboração e da reflexão sobre as práticas rituais dos usuários da *ayahuasca* é fundamentalmente relevante, e pensar o rito sem incluir efetivamente o contexto das práticas e seus formuladores pode implicar numa reificação, que até podemos julgar oportuna politicamente, mas que é frágil em termos sociológicos. Assim, pode-se destacar que a principal fragilidade do livro – para um documento que consolida ou que pretende consolidar um campo de estudos – é deixar diluída ao longo das contribuições de seus 43 participantes a abordagem e os esforços de definição e problematização das coisas, dos fenômenos e das respectivas categorias centrais comunicantes que sua motivação e seu título inspiram, como por exemplo: **ritual, ayahuasca, religiões da Ayahuasca ou ayahuasqueiras e povos da floresta**. Um olhar em perspectiva poderia, contudo, considerar esta lacuna uma virtude, já que evita que o livro possa ser considerado definitivo nestes campos particulares de estudo. O que não se pode negar é que a obra é uma referência fundamental, e provoca a sensação de que não são muitas as possibilidades de produzir algo que a supere em termos de inspiração e execução.

Notas

1 Quando, em 1998, Beatriz Labate e Wladimir Araújo me convidaram para escrever para *O uso ritual da ayahuasca*, fiquei muito motivado. Pensei que reunir em um livro pesquisadores que vinham refletindo sobre o assunto era uma empreitada necessária. Resolvi entretanto não participar, entre outras razões por saber que o livro reuniria trabalhos que foram apresentados no *I Congresso sobre o uso ritual da ayahuasca* (I CURA) e que repercutiriam os debates ali realizados. Eu não havia podido participar do congresso; na época (novembro de 1997), estava em plena realização de um trabalho de campo.

2 Quêchua é um idioma utilizado por populações da América do Sul, principalmente em regiões do Peru e da Bolívia. *Ayahuasca* tem sido traduzida do Quêchua como “cipó das almas”, ou “cipó dos mortos”.